

Os Ninguéns na Educação

Manuela Jacinto

Escola Secundária de Santa Maria / Agrupamento de Escolas Monte da Lua | Sócia do FPAE

A educação é a essência da própria humanidade, um ato político e socialmente comprometido, uma prática de liberdade, marcada por uma relação dialógica e de comprometimento entre quem aprende e quem ensina, nas palavras de Paulo Freire.

Na interpretação da crise de sentido da escola emergem discursos, que destacam as promessas não cumpridas pela escola moderna no que respeita à luta contra as desigualdades sociais e à formação de cidadãos democraticamente empenhados. A aprendizagem da humanidade, do bem comum e da solidariedade são desvalorizadas pelos ditos “consumidores de educação”, em nome da não empregabilidade, numa visão estritamente marcada pela racionalidade económica e gerencial. A Escola vive num mundo de ambivalências, lutando por ideais democráticos num contexto de globalização mercantilista.

A crise da educação é também uma crise da profissionalidade docente. As políticas educativas neoliberais desinvestiram na formação de professores, criaram situações de antitrabalho e de luta pela dignidade profissional. A relevância educativa dos professores é inquestionável, eles são o pilar central do êxito ou fracasso das reformas educativas. Contudo, muitos deles são ninguéns, professores de bolso, em quem o sistema educativo não investe nem valoriza, mas utiliza de forma avulsa.

Ninguéns, na expressão de Galeano, são os pobres que aspiram utopicamente sair da eterna miséria; no caso dos professores, são os sem estatuto, os que esperam pela carreira, por direitos que perderam sem saberem, por um reconhecimento da sua excelência, nem sequer prevista na lei para os contratados.

Os ninguéns vivem na modernidade líquida de Bauman. Adaptam-se à instituição escolar sem se envolverem e aprendem a viver nas redes informáticas e administrativas e a estabelecer conexões funcionais, muito apreciadas nas escolas.



Em instituições escolares que valorizam o comportamento normativo em vez da ação, os ninguéns raramente são vistos e tendem a passar como líquidos pelas funções educativas, sem deixarem marca. São silenciosos e raramente questionam as políticas educativas locais e nacionais.

Em certas escolas, a sua ação é notada quando aprendem a valorizar a rapidez na resolução das tarefas administrativas e informáticas, lidas, muitas vezes, como sinónimo de competência profissional.

São professores de bolso – utilizados pelo sistema e guardados na base de dados para serem utilizados de novo quando necessário – aprendem a não criar laços e raramente se envolvem na vida escolar. Aliás, o contexto profissional onde exercem constrói esse desapego. Exemplo, disso são aqueles que percorrem oito escolas para terem um horário completo, como os de inglês do primeiro ciclo. Necessitam de ter carta de condução e viatura própria para o desempenho da profissão docente sem ajudas de custos. A estes professores nómadas, que se movimentam interescolas, pouco se exige. Talvez, uma compreensão miserabilista como forma do sistema educativo se desvincular da culpa e desamparo a que vota os seus profissionais qualificados.

O professor líquido é supérfluo, sem direitos, sem vínculos, mas ainda profissionalizado. Um mero recurso no mercado global da educação, que engrossa bases de dados de empresas de prestação de serviços educativos. Coabita com outros ninguéns no espaço educativo, os denominados técnicos, oriundos das autarquias, que desempenham o papel de professores sem o serem, na lecionação do ensino profissional.

A aceitação da injustiça na contratação precária de professores como algo banal paralisa a argumentação sobre os sem direitos, já não contestados por quem está vulnerável e necessita de sobreviver. À precariedade de emprego chamam-lhe flexibilidade profissional, mas quem a vive apelida-a de fascismo social como refere Boaventura Sousa Santos.